Mariana Cabello Campuzano

Mariana Cabello Campuzano assinou a 6ª carta do autodenominado colectivo de vítimas, deu a entrevista à Agência Pública de 23 de Maio de 2024 e falou ao canal NOW da televisão portuguesa em 23 de Novembro de 2024.

O que disse MCC: que teve uma bolsa para participar no Curso de Verão do CES em 2016. As aulas decorriam num hotel onde os participantes, de diversas nacionalidades, dormiam e comiam. Uma noite foram ver um documentário. Eram cerca de 30 pessoas. O Boaventura sentou-se a seu lado e, quando as luzes se apagaram, ele pôs-lhe a mão na virilha e continuou a olhar em frente. Mariana deixou de conseguir acompanhar o curso e passava a maior parte do tempo no quarto. No jantar de encerramento, ele elogiou muito a sua inteligência, pôs-lhe a mão à volta da cintura e a cabeça encostada ao peito. Ela decidiu não apresentar queixa por saber que não ia acontecer nada contra ele. Jamais voltou a ter contacto com o CES.

Os factos

Em Abril de 2015, era então candidata a um doutoramento em arquitectura na Universidade de Porto, MCC enviou um email a Boaventura de Sousa Santos (BSS), mostrando interesse em discutir alguns dos seus conceitos académicos com vista ao desenvolvimento da sua tese de doutoramento. MCC foi ao CES no mês seguinte, assistiu a uma das aulas magistrais de BSS, conversou um pouco com ele e BSS sugeriu que MCC marcasse uma reunião com a sua secretária, Lassalete Paiva. A reunião ocorreu em 2 de Julho de 2015. MCC gravou um vídeo dessa reunião, que mais tarde enviou a BSS por email.

Em 2016, MMC ganhou uma bolsa para frequentar o Curso de Verão do Projecto ALICE, que teve lugar num hotel da Curia entre 22 e 30 de Junho de 2016 com 58 participantes. O programa do curso incluía uma visita à Cova da Moura no dia 26 de Junho. Na véspera dessa visita, foi exibido um documentário sobre a Cova da Moura ("Ilha da Cova da Moura"). Durante a exibição do documentário, BSS estava sentado ao lado de MCC e, tocando-lhe brevemente no joelho, chamou-lhe a atenção para um determinado momento do documentário. MMC alega que BSS lhe pôs a mão na virilha e que, em razão disso, ela se sentiu constrangida e não participou mais do curso, deixando-se ficar pelo quarto.

Não foi o que se passou. A conversa e o contato foram breves, sem qualquer conotação libidinosa. BSS não tocou na virilha de MCC! Mais que isso, não é verdade que MCC tenha deixado de acompanhar o curso e ficado abalada, muito pelo contrário, as fotos a seguir demonstrarão um comportamento totalmente diferente do que ela alega.

MCC na Cova da Moura, de calças pretas e blusa esverdeada.

No dia 28 participou numa sessão de trabalho, em condições psicológicas que notavelmente contradizem com o narrado por ela.

MCC disse ainda que no "jantar de encerramento", BSS pôs-lhe "a mão na cintura" e encostou a cara dele ao corpo dela.

Acontece, porém, que não houve nenhum jantar de encerramento. O curso terminou com a entrega dos diplomas, em que MCC participou com muito boa disposição, tendo colocado na cabeça um adereço que muito divertiu BSS e os restantes participantes.

Depois da entrega dos diplomas, foi encerrada a Escola de Verão.

Ou seja, ao contrário do que refere MCC, não houve qualquer jantar de encerramento no qual BSS a tenha chamado *para uma mesa onde estavam outros estudantes, posto a mão na cintura, nessa posição ele ficou com a cara no [seu] peito*.

É completamente falso o relato de MCC. MCC não tinha qualquer ligação a BSS ou ao CES. Não faz sentido que não tivesse, logo na exibição do filme do dia 25, confrontado BSS se este lhe tivesse colocado a mão na virilha da forma que ela descreve. A verdade é que BSS lhe tocou brevemente no joelho para lhe chamar a atenção para um determinado episódio do documentário. Na Summer School, qualquer queixa que houvesse (habitualmente devido a questões de organização) era discutida (e resolvida) pela coordenação do programa que, naquele ano era de responsabilidade de Maria Paula Meneses. MCC referiu a uma colega com quem partilhava o quarto que BSS lhe tinha tocado na perna e esta mencionou o facto à Professora Maria Paula Meneses. Esta, admitindo desde logo de que devia tratar-se de um mal-entendido, pois conhece BSS há muitos anos e muito bem, sugeriu que se conversasse sobre isso no pequeno almoço do dia seguinte. Assim foi feito, e na presença de todos os que estavam na mesa, tudo foi esclarecido. A situação não foi além de um pequeno mal-entendido, aliás nem MCC referiu, na altura, que considerou que o toque tivesse qualquer conotação sexual, ou sequer íntima. Por que razão esperou MCC 8 anos para dizer que BSS lhe pôs a mão na virilha? O que ela relata não faz qualquer sentido, o que pode ser atestado pelos participantes da Escola de Verão de 2016. Aliás, se o episódio que relata tivesse ocorrido, a indignação por essa ocorrência teria sido generalizada, perceptível e do conhecimento de todos os participantes da escola de verão, ou com relatos, em privado ou em público (em conversas ou nas redes sociais).

Por outro lado, não é admissível que uma pessoa, que não tinha qualquer relação com BSS, suportasse um toque na virilha durante um segundo que fosse, muito menos durante um minuto, como descreveu ao canal NOW. Nem é admissível que, relatado esse abuso grave aos seus colegas (como MCC refere), alguém aceitasse a justificação que ela refere ter sido dada aos seus colegas: de que BSS passsava muito tempo com brasileiros e por causa disso era muito caloroso; nem o motivo para ninguém ter feito queixa ao CES ou a quem quer que fosse; nem que BSS a tenha abraçado colocando a sua cabeça encostada ao seu peito, em frente a toda a gente, **depois de MCC ter contado o episódio de que foi vítima e ninguém ter achado esse gesto estranho.**

Os contactos físicos que MCC relata nunca aconteceram. Nem houve jantar de despedida, nem a visualização do documentário foi de tarde. Não é crível que um momento marcante para MCC, a ter ocorrido, fosse descrito com as discrepâncias que relata.

Mas o que é certo é que a sua denúncia é de extrema utilidade para as demais denunciantes, uma vez que são as imputações de assédio sexual que fazem com que a comunicação social tenha interesse nas suas narrativas.

Transcreve-se, aliás, um testemunho de uma das participantes desse curso depois de ter lido as declarações da MCC:

R*ecordo com agrado a escola de verão de 16. Éramos um grupo heterogéneo de diferentes nacionalidades e consequentemente uma diversidade de línguas e culturas, um grupo com uma multiplicidade de subjectividades unidas pelo desejo de uma construção colectiva do conhecimento. Era um grupo alegre, espontâneo, crítico e academicamente bem estruturado. No primeiro dia, na nossa apresentação, ficou evidente que todos nós tínhamos uma história beligerante e um sonho de construir*

outras possibilidades no mundo; as discussões e conversas em todos os espaços evidenciaram isso. O grupo consolidou-se rapidamente, em torno de perspectivas éticas, políticas e epistémicas construímos fraternidade e camaradagem. À noite as pessoas não queriam ir dormir, queríamos continuar a partilhar e a contar histórias uns aos outros, no meio de muito afeto havia longos abraços, "apapaches", mimos e beijos entre homens e mulheres, entre mulheres e entre homens, era um espaço de amor e carinho para todos nós, nunca ouvi um comentário mau referindo-se a qualquer um dos compas ou ao professor. Boaventura não estava sempre connosco, de manhã dava as suas excelentes aulas, depois vinham as oficinas e os trabalhos independentes, mas quando aparecia todos queríamos falar com ele; homens e mulheres lutavam por um lugar à mesa onde ele se sentava para jantar, nas "partilhas" nocturnas tinha de se esgueirar furtivamente porque ninguém queria que ele fosse dormir, todos queriam um bocadinho de lado, um bocadinho de tempo ou uma conversa com o professor. Por isso não percebo como é que neste espaço, supostamente, aconteceram e foram silenciados actos tão delicados de assédio sexual contra alguns colegas, enquanto eu vi sempre um professor muito afetuoso mas respeitoso e maravilhado com os processos que cada um de nós encarnava, e éramos também um grupo de grandes forças humanas e com individualidades combativas, como já disse. Então como é que isto acontece?

Na entrevista que deu ao canal NOW, MCC refere que sempre falou do assédio de que foi vítima com toda a gente.

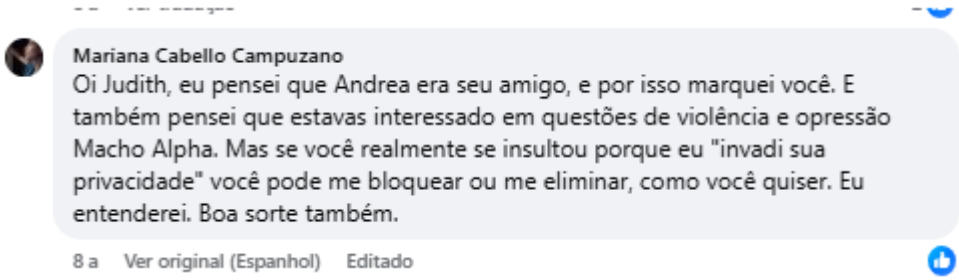
Contudo, na sua página de facebook, que é pública, MCC não falou de qualquer má experiência que teve na escola de verão que ocorreu entre os dias 22 e 30 de Junho de 2016.

Mas, curiosamente, 20 dias depois dessa escola de verão, no dia 21 de Agosto de 2016 e do abuso sexual de que refere ter sido vítima, fala de um episódio em que foi expulsa de casa:

Olá Amigos do Facebook, suponho que depois desta publicação muitos me vão apagar e eu agradeço-vos.
Esta publicação chama-se "QUERO-TE FORA DO APARTAMENTO, JÁ" Uma frase que consegue sintetizar várias doenças da nossa sociedade.
Depois de uma inevitável rutura pessoal com uma pessoa do meu antigo apartamento e apesar de estar em dia com todos os meus pagamentos e de, no espaço de um mês, já ter pago, outro dos meus ex-companheiros, incomodado com a situação, diz-me "QUERO-TE FORA DE CASA AGORA, TENS UMA SEMANA ANTES DE EU TIRAR AS TUAS COISAS DE CASA". Embora compreenda que foi inevitavelmente uma situação tensa e, de certa forma, inconveniente para todos, pergunto-me o que leva as pessoas a ameaçar? E não é uma ameaça qualquer: ameaçar pôr alguém na rua. O meu primeiro pensamento é que aqueles que ameaçam estão sempre numa posição de superioridade e, a partir daí, sentem-se capazes de incutir medo nos outros. Mas é isso que acabamos por ser em tempos de terror e de especulação. Há mais em palavras literais. "Não me obriguem a tornar as coisas ainda mais desagradáveis, peguem nas vossas embalagens e vão-se embora". Uma frase que está certamente num filme de Hollywood. Não me obriguem a ser mais violento é uma forma de dizer: há mais violência de onde esta violência veio. Eu sou uma fonte oculta de violência e isso é excitante e emocionante, nas mentes distorcidas de muitos cinéfilos. Bem, a minha resposta é simples. Não participo em violência gratuita. E eis porquê: parece-me que

aqueles que vivem dentro desta Eurobolha não só sabem, como sentem, que o mundo lá fora está a desmoronar-se. Esta informação chega-lhes através de canais desconhecidos, através do próprio ar. Nem sequer é preciso ligar a televisão. E talvez, de uma forma retorcida e inconsciente, queiram empatizar com o sofrimento global e criar os seus próprios dramas caseiros, os seus desgostos, os seus desconfortos, as suas queixas mesquinhas, as suas birras e defesas. Será uma forma de tentar empatizar com a violência que existe lá fora? Porque aqueles de nós que vivem um pouco dos dois mundos querem certamente concentrar-se nos problemas reais, não nos criados pelo lazer, pela ansiedade ou pela perturbação que aqui explico. E quando tento expor este conceito de violência gratuita ao euro-bebé mimado de 37 anos do meu ex-companheiro, ele diz-me que a minha posição de "terceiro-mundista esclarecido" não lhe interessa. Quando tento explicar-lhe que, por detrás de cada decisão minha, há situações reais de violência, opressão e exaustão, diz-me que "as minhas merdas não lhe interessam nada". E quando lhe explico que não tenho amigos com quem ficar e não tenho dinheiro para hotéis, ele diz-me que "sou eu que tenho de ganhar a vida, que ele não se importa que eu não tenha amigos". Isto alimenta a minha teoria, que suponho que, como "terceiro-mundista esclarecido", tenho o direito de fazer circular. Tanta incompreensão e tanta violência, violência gratuita, violência vazia, violência sem sentido, devem significar alguma coisa. Pode ser a necessidade do conflito como forma de dar sentido a esta vida primeiro mundista de paz artificial e plástica como uma garrafa PET, uma paz à custa da guerra dos outros. Também uma forma de apaziguar essa ansiedade defendendo um suposto território, um suposto bem estar. Acima de tudo, tanta violência gratuita faz-me acreditar que nestes tempos, dentro ou fora da bolha, as pessoas já não vêem o MUNDO, o grande mundo, como a sua casa, como o seu lar. Não temos casa, talvez nem saibamos mais o que é casa. Por isso, é fácil brincar com esta ideia de banimento e de banir os outros. Mas quando esse simples preceito do Mundo-como-casa é quebrado, o caos instala-se: um distanciamento atroz de tudo e de todos, um cinismo mortal. – cfr. documento n.º 61

E, nos comentários a essa sua publicação, identifica a pessoa a quem ele era dirigido e responde a um comentário dizendo:



Ou seja, MCC, 20 dias depois de ter sido supostamente "vítima de abuso sexual", expôs publicamente uma situação de que se queixava, o que considerou um abuso de um "macho alpha".

Mas quanto a BSS, nada disse sobre episódio tão grave que agora relata…

Concluindo, MCC faltou à verdade. Ela, que não tinha qualquer relação de dependência com BSS ou o CES, se de facto sofreu tão grave assalto à integridade do seu ser-mulher, por que razão não fez imediatamente queixa? Porque terá MCC embarcado na narrativa

do “colectivo de vítimas”? E o que está realmente por detrás dessa narrativa? Que missão?